

Haja paciência!

*Maria Adelaide Câmara

Resenha do Capítulo III, Segunda Prova: A Paciência – em *A PREPARAÇÃO DO ROMANCE*, de ROLAND BARTHES, para a Oficina Literária Clarice Lispector, realizada às quartas-feiras no Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de Psicanálise, coordenada por Lourdes Rodrigues e Carlos Eduardo Carvalheira.

Há quatro séculos, Montaigne escreveu que era mais difícil interpretar as interpretações do que interpretar as coisas e que haveria mais livros sobre livros do que sobre outro assunto e, desafortunadamente, ele continuava: “limitamo-nos a glosar uns aos outros. Tudo pulula de comentários, de autores há grande carência” (Ensaio).

Pois lá vai mais uma glosa.

Se, para Barthes, escrever seria um beco sem saída, porque a sociedade representaria a circunstância embaraçosa, o problema irremovível, então, voltar-se para os constrangimentos que se impõem ao candidato a escrever um romance (doravante denominado CAER - provavelmente ele mesmo) parece uma consequência plausível. Assim, ele que escreveu o pouco científico *O prazer do texto*, resolve dar lições de anatomia do romance, um tanto áridas, porém com um quê romanesco, pois é a história de um homem “que queria escrever” e, em sua trajetória, passa por inúmeras provas. Entranha-se num verdadeiro processo ritual a fim de iniciar-se na experiência misteriosa e dolorosa de escrever, de ser um *scripteur* (aqui sinto uma aproximação com o religioso, com o sagrado), de produzir uma *scripture*. Daí para a bula papal é um passo.

Na década de 60, Barthes decreta a morte do autor; e entre 1978 e 1980, ele se ocupa dos cursos e seminários sobre *A Preparação do Romance*, da obra. Mas é do autor e de suas vicissitudes e circunstâncias que ele fala, pelo menos nesse trecho que tento resenhar. É do aperto que o CAER suporta, desde o desejo de escrever e dos estalos epifânicos até ter ou não ter munheca e coluna que agüentem; até ter ou não um local, uma postura, uma roupa e um chinelo confortáveis, tabaco, abrideira, saideira; barriga cheia, barriga vazia; tudo isso antecedido e sempre assombrado pelas escolhas e pelas indecisões, pelas dúvidas infernais sobre forma, conteúdo, talento (tudo já falado anteriormente na Oficina) e por aí vai. Haja paciência!

Paciência para organizar a vida e pôr mãos à obra, pois agora o CAER pulará da *fantasia* para a dura *prática*, com tempo marcado e condicionado, não só pela própria *duração da obra* como pela duração de sua própria existência de CAER, que não vive só de escrita e que, a essa altura, fará coisas às escondidas, enfrentará chuvas e trovoadas externas – mundanas, e internas – relativas à própria tarefa.

Exemplos:

- *Os romanos estão de tal forma acostumados com minha vida metódica, que eu lhes sirvo para contar as horas.* (Chateaubriand)
- *O que eu escrevo é diferente do que eu digo, o que eu digo é diferente do que eu penso, o que eu penso é diferente do que eu deveria pensar, e assim por diante até as mais profundas trevas.* (Kafka, cujo mundo imaginário se assemelha à visão de um animal em sua toca, olhando para um mundo monótono e indiferenciado que sente não mais lhe pertencer. Aperreio aqui é mato! Ainda bem que esta turma escrevia cartas!).

Portanto, paciência para com a morosidade do processo. Joyce passou 7 anos escrevendo *Ulisses* e 15 anos escrevendo *Finnegans wake*. Flaubert escreveu a Maxime Du Camp:

Meu romance me dá tédio: eu me sinto estéril como uma pedra. A primeira parte, que devia estar pronta no fim de fevereiro, depois em abril, depois em maio, vai continuar até o fim de julho. A cada passo, descubro mil obstáculos. O começo da segunda parte me deixa muito inquieto. Eu me infljo misérias a troco de ninharias; as frases mais simples me torturam.

Tom Wolfe, que em 1998 lançou *Um homem por inteiro*, uma visão panorâmica dos Estados Unidos no final do século XX, dá o seguinte depoimento:

*Posso garantir a vocês que levar onze anos para escrever um livro é de matar, em termos financeiros, uma cutelada para a sua família, e a imposição de um ambiente desmazelado para todos os envolvidos – em resumo, um desempenho injustificável, que beira o vergonhoso. Ainda assim, foi o tempo que eu levei para escrever um livro, um romance chamado *Um homem por inteiro*. Onze anos. Meus filhos cresceram pensando que eu só fazia isso: escrever, sem jamais terminar, um livro chamado *Um homem por inteiro*.*

Barthes se vale do desesperado Kafka para ilustrar a angústia do artista dividido entre a elaboração de uma obra, que não cessa de fazer força para vir ao mundo, e as necessidades e exigências desse mundo pragmático, que lhe pede inúmeras satisfações e um adequar-se constante à trivialidade do dia-a-dia equivalente ao alienar-se de sua criação. Para viver, entretanto, é preciso pagar à sociedade com seu próprio sangue, cortar na própria carne.

Mas é preciso também sair do quarto, do escritório, “fazer a corte”, frequentar saraus, exposições de pintura, fazer e receber visitas. A obra também se alimenta do mundano, do *social-geral*. Proust frequentava os salões. Sollers lia jornais, Joyce passava a vida com um caderninho, anotando coisas, falas, trivialidades, quadrivialidades. Lá se foi Tom Wolfe para uma caríssima viagem ao Japão, porque queria *enfiar o mundo* em seu romance. O mundo *todo*, salienta ele, ao passar meses enfronhando-se no mercado e em escolas de arte, em bastidores de televisão, em penitenciárias, em imobiliárias, em lanchonetes, em comunidades de etnias diversas. É a colheita de material, material que servirá, entre mil e outras coisas, para tomar partido, para ocupar alguns míseros parágrafos, ou mesmo para estacionar na lata de lixo. É a fase em que outros papéis são desempenhados, soltam-se amarras, mesmo que subjaza a necessidade de reclusão, a urgência em impor uma barreira a tudo que represente desvio da obra a ser criada. *Oscilação* certamente *desgastante*.

Como se não bastassem tais impasses, outros de enorme monta se atravessam no caminho da obra: o *relacional-privado*, o *afetivo-privado*. Aí é que a porca torce o rabo.

Os amigos, as farras, os prazeres sensuais, irresistíveis, as *paqueras*, as *concupiscências* e, para chatear, o conflito e a culpa por se ter deixado cair em tentação sem conseguir se livrar do mal-amém, e por haver abandonado a obra.

Embora se digladiem, concupiscência e escrita são minimamente diferentes, ambas inscrevem, ambas traçam, ambas ocupam o terreno do tempo. Entretanto, a primeira perversamente, porque nada produz. Ambas buscam, ambas podem ser vividas como uma Iniciação à vida, à arte, intolerantes uma em relação à outra. Duas forças similares.

Distinguindo da concupiscência o amor, Barthes comenta a mão-de-obra que dá este sentimento, e o amado/a, aquele/a a quem se dedica a obra, por dele/a surgir a inspiração. Nesse ponto, obra e ser amado se fundem, em completo detrimento do ser amado-musa que passa sem qualquer delonga ao segundo plano, a corroer-se de ciúmes, inutilmente. A batalha está perdida desde o início, pois o rival/a rival é de outra ordem, de outro mundo, inalcançável, portanto. O sujeito que escreve (o artista) é uma espécie de devoto. Sua devoção, uma maldição, um tormento, um trabalho insano, sem tréguas. É em si e em sua obra que deve concentrar-se por inteiro, quer o chamem de egoísta, de maluco, de anti-social. Pelo menos, no tempo da elaboração da obra...

“Escrever... é um sono mais profundo que a morte... assim como ninguém tiraria um cadáver do seu túmulo, eu não posso ser tirado da minha secretária à noite.” (Kafka).

Curiosamente, o autor de *Preparação do Romance* pergunta-se pela solução para os dramáticos conflitos para os quais invoca a PACIÊNCIA e, a guisa de resposta, interpreta o aforismo kafkiano (que ele não completa) *“No combate entre tu e o mundo, privilegia o mundo; [não se deve lesar a ninguém, nem sequer frustrar o mundo da sua vitória.]* da seguinte maneira: A singularidade do escritor afirma-se em contraposição ao mundo, mas é no mundo, no coro, que está a verdade, e ao escritor cabe reconhecer essa verdade e *diminuir ou transformar, utilitariamente, a pressão de seu egotismo*, do sentimento *de que o mundo é diferente* dele. Ora, por privilegiar o mundo, Rimbaud queimou sua poesia. No entanto, Barthes vê de outro modo: há de se dar uma reviravolta esperta e convincente, canalizando as forças contrárias em favor da obra, dando-se voz ao amado/a, elevando-o/a à categoria de *alma condutora e iniciadora*, congelando-o/a em imagem, o que não resolve a questão e não impede os ressentimentos, as rupturas e a vitória da Obra sobre os atores da trama. A Obra acolhe o mundo para de certa forma neutralizá-lo, fazendo-o jogar em seu favor. Separa amante e amado, mas, ao voltar-se para o mundo, a outros uniria. Conclui o anatomista do romance: CAER tome tento! Privilegie o mundo, sim, visando apenas ao benefício de sua obra. Seja duro, intransigente, indisponível, pouco generoso, evasivo, distante, intolerante se necessário for. No final das contas, é de sua obra que você precisa cuidar. Não tenha um apreço exagerado por si mesmo, você não é diferente do mundo, mas ame seus valores e interesses, que não são outros senão os da Obra, AME A OBRA, a despeito de tudo e de todos. Seu dever é para com a sua Obra.

OBS.: Borges diz que Kafka via sua obra como um ato de fé e não buscava por meio dela desalentar os homens. Apesar do que Barthes comenta, Kafka, como Virgílio, pede que se queimem suas produções, depois de sua morte. Não seria isso apoio ao mundo, desligando-se da responsabilidade que uma obra impõe? Ainda bem que não foram

obedecidos. Borges alfineta: se quisessem mesmo ter as obras destruídas teriam feito o serviço. Como Rimbaud.

Olinda, 20/09/2006

* **Maria Adelaide Câmara**, psicóloga, membro do Traço, e como ela mesma se autodenomina, uma leitora concupiscente.